

¹EDUCAÇÃO INCLUSIVA: A PRÁTICA PEDAGÓGICA PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA.¹

Maria Pereira Vieira ¹; Eriisa Regina Silva de Souza ²; Rosemary Meneses dos Santos ³

Especialista em psicopedagogia ¹ especialista em Língua Brasileira de Sinais ² Especialista em Língua Brasileira de Sinais ³

Universidade Estadual do Piauí – UESPI¹ marivieiraeu@gmail.com; Universidade Federal do Piauí- UFPI-UAB² erissa_reginna@hotmail.com; Universidade Castelo Branco-UCB⁴: rosemary-phb@hotmail.com.

RESUMO:

A presente pesquisa teve como principal objetivo investigar quais as práticas pedagógicas adotadas pelos professores para educar de forma inclusiva. Tivemos como objetivos específicos; refletir à formação dos professores da rede pública do Município de Parnaíba para trabalhar com crianças com deficiências; conhecer qual o paradigma prevalece na rede pública de ensino de Parnaíba, identificar a prática de uma educação inclusiva que vem alcançando um espaço significativo no cenário da educação mundial. Para fundamentação e suporte teórico desta pesquisa foram utilizadas as contribuições de Mazzotta (1993), Carvalho (2007), Lima (2006), dentre outros. A pesquisa realizada foi de caráter qualitativo. Para obtenção dos dados, utilizou-se os instrumentos da observação e questionário, por meio deste instrumento foi possível perceber que as mesmas em sua maioria, não apresentam uma prática pedagógica eficiente para incluir o aluno com deficiência na sala regular. Sendo assim, insatisfatória em relação aos princípios da inclusão.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão. Práticas Pedagógicas. Formação de Professores.

1 INTRODUÇÃO

O paradigma inclusão, tem sido um tema de muita reflexão e debate há algum tempo, atualmente, critica-se a integração de alunos com deficiência fazendo surgir um debate acerca da inclusão destes educandos, bem como da formação de professores para atendê-los.

Diante disto surgiu o questionamento, como é a prática pedagógica dos professores para atender alunos deficientes? Perante as informações já elencadas o estudo objetiva-se como ponto principal, investigar as práticas pedagógicas adotadas pelos professores para educar de forma inclusiva. Com o intuito de desenvolver um trabalho mais sólido tivemos como objetivos específicos; refletir quanto à formação dos professores da rede regular pública do Município de Parnaíba, conhecer qual o paradigma prevalece na rede pública de ensino de Parnaíba, identificar atualmente, a prática de uma educação inclusiva que vem alcançando um espaço significativo no cenário da educação mundial.

Neste sentido o interesse de estudar este tema surgiu no momento de um estágio remunerado pelo município em uma instituição pública situado nesta localidade. Os resultados encontrados

¹ Recorte de um projeto de pesquisa, apresentado na Universidade Estadual do Piauí para a conclusão do curso de pedagogia.

através desta pesquisa serão úteis para entender se as escolas juntamente com os professores estão oferecendo educação de qualidade aos alunos com deficiência.

DESENVOLVIMENTO

Desde o surgimento do movimento da inclusão, debate se a inclusão supõe uma ruptura a respeito dos pressupostos da integração escolar ou se entre ambos pode-se estabelecer um laço contínuo ou ainda, se a integração é um processo de inclusão. Carvalho (2007) discorre que em relação à integração e a inclusão parece que há uma luta entre dois campos de forças, uns que defendem a proposta da educação inclusiva e outros que defendem a integração.

A integração pouco exige da sociedade em termos de modificação. A sociedade aceita receber pessoas deficientes desde que sejam capazes de molda-se aos requisitos, acompanhar os procedimentos tradicionais, contornar os obstáculos existentes no meio físico, lidar com atitudes discriminatórias da sociedade, desempenhar papéis sociais/ individuais, em síntese para que um aluno com deficiência pudesse estar numa classe regular, era necessário que apresentasse dificuldades médias ou comuns. Enquanto que na inclusão, todos os alunos são membros de direito da classe regular, sejam quais forem suas características pessoais. Portanto, enquanto a integração tem posto sua ênfase no aluno com deficiência, em adaptá-lo à sociedade, a inclusão centra seu interesse em todos os alunos.

Nos últimos anos vem se tornando comum nas escolas regulares da rede pública de ensino a presença de alunos com deficiência, o que é importante para que os mesmos possam se desenvolver social e intelectualmente. Entretanto, para que a inclusão desses alunos realmente aconteça é preciso que professores e escolas estejam preparados para receber esse público que cada dia vem crescendo mais. Por essa razão, a formação de professores é tema de suma importância na perspectiva da inclusão.

No paradigma da inclusão, o professor precisa ter capacidade de conviver com as diferenças, logo, a formação do professor deve ter como finalidade a criação de uma consciência crítica sobre a realidade que eles vão trabalhar, além de uma base teórica que possibilite uma prática pedagógica que atenda os princípios da inclusão. Carvalho (2007, p. 32): “[...] a prática pedagógica deve ser inclusiva, no sentido de envolver a todos e a cada um, graças ao interesse e à motivação para a aprendizagem”.

Outro fator relevante para o atual paradigma da educação é o planejamento individual, que segundo as Diretrizes para a Educação Especial na Educação Básica, às adaptações são necessárias para promover o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos que apresentam deficiência, tendo

como referência a elaboração do projeto pedagógico e a implementação de práticas inclusivas no sistema escolar. É importante ressaltar que quando se fala de adaptações curriculares, trata-se do saber fazer e da atuação do docente e não da organização de outro currículo, muito empobrecido pela errônea ideia da impossibilidade do aluno em aprender. A avaliação também é de suma importância na prática docente, para que ocorra ensinagem e aprendizagem, sobretudo na inclusão de alunos com alguma especificidade.

Neste sentido, Jussara Hoffman (2005) resalta que o aluno deve ser visto como singular, uma pessoa que tem necessidades e precisa ser orientado e necessita do professor para que encontre o caminho certo, olhar os alunos como pessoas e como tal diferentes. Os alunos são diferentes no comportamento nas aparências em tudo, passam por etapas diferentes, porém estão na mesma fase de transformação, são seres humanos em transformação, precisamos avaliar os alunos segundo seu contexto de vivência e suas necessidades pessoais, a nota não pode ser dada independente destas condições. Com o novo paradigma Educacional surgiu o AEE, que é um conjunto de atividades e recursos de acessibilidade que complementa a vida escolar do aluno. De acordo com a LDB, Nº 9394/96, além do direito ao ensino regular as crianças com deficiências têm direito ao atendimento educacional especializado que serve como apoio para a escola de atendimento regular (art. 58, § 1º).

Para Siluk (2012) é importante que o AEE esteja articulado com as propostas pedagógicas do ensino comum, sobretudo articulado ao trabalho do professor do ensino regular e do professor do AEE, tendo em vista que ambos trabalham com o mesmo aluno. Daí, resalta-se a importância dos questionamentos citado abaixo. A primeira questão em evidência, foi questionado a respeito do planejamento individual, Carvalho (2000), destaca que as adaptações curriculares são as modificações realizadas pelos professores e todas as estratégias que são intencionalmente organizadas. Então, perguntou -se as docentes, você como educador/a considera importante o aluno com deficiência ter um planejamento individual?

Professora “A” “Sim. Pois cada um com sua especialidade.” Professora “B” Sim. Pois quando o aluno não acompanha o ritmo da sala, é necessário e importante que ele seja trabalhado também individualmente para que possa melhorar seu desempenho.”

Professora “C” “Com certeza. O planejamento individual vai dar respaldo para que o trabalho desenvolvido com esse aluno tenha êxito. Sem o mesmo, o trabalho do professor terá mais dificuldade.”

As professoras “A”, “B” e “C” concordam que o planejamento individual é importante, contudo, se faz necessário que o mesmo esteja em consonância com a grade curricular e o

planejamento da turma. O que foi observado é que 90% do planejamento do aluno com deficiência não está de acordo com a grade curricular da turma.

Na segunda questão, foi indagado: Quanto ao atendimento educacional especializado (AEE), até que ponto você professor/a acredita que contribui na inclusão do aluno com deficiência na sala regular?

Professora “A” “Não sei. Porque praticamente não conheço o trabalho delas.” Professora “B” “O AEE é um apoio bastante significativo para a professora, que auxilia no e como lhe dar, da melhor forma com o aluno com deficiência.” Professora “C” “O AEE é uma atividade de grande importância para auxiliar o aluno com deficiência na sala regular. Pois trabalha as dificuldades do aluno e a parceria entre a professora da sala comum e a do AEE, faz toda a diferença na vida escolar dessa criança.”

As respostas das professoras “B”, “C” estão condizentes com os teóricos estudados, pois como foi visto, e a proposta para o Atendimento Educacional Especializado (AEE) ressalva que o mesmo é importante porque na maioria das vezes os alunos com deficiências têm limitações físicas, sensoriais ou intelectuais. Já a professora “A” afirma que praticamente não conhece o trabalho do AEE, dessa forma infere-se que não está havendo um diálogo entre as duas profissionais, conseqüentemente prejudicando o cotidiano escolar do aluno.

A terceira questão foi direcionada á respeito a avaliação da aprendizagem. A autora Jussara Hoffman (2005) ressalta que o aluno deve ser visto como singular, uma pessoa que tem necessidades e precisa ser orientado e necessita do professor para que encontre o caminho certo. Neste sentido, foi indagado, de que forma você professor (a) avalia o seu aluno com deficiência?

Professora “A” “Até agora eu não sei, pois é a primeira vez que me deparo com esse problema.” Professora “B” “Avaliação diferenciada que a professora titular irá fazer.” Professora “C” “Um aluno com deficiência sim, mas também com habilidades. Acredito que todo indivíduo com deficiência ou não é capaz de aprender”.

A professora “A” responde que ainda não sabe, o que fica entendido que a mesma ainda não pensou sobre o assunto. A professora “B”, é auxiliar da professora “A” e afirma que não vai avaliar o aluno e sim a professora titular da sala. De acordo com Hoffman a avaliação deve acontecer todos os dias, em cada tarefa que o aluno faz precisa ser avaliado. Enquanto que a professora “C” defende uma avaliação com base.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi percebido o quanto ainda precisa ser feito para que as escolas municipais de Parnaíba atendam aos alunos de acordo com os princípios da educação inclusiva, contudo, já foi dado um grande salto em relação à formação e a prática do professor diante da diversidade. Sabe-se que ainda precisa avançar muito.

Ressalta-se que duas professoras que colaboraram com a pesquisa afirmaram que usam como estratégia para incluir os alunos deficientes, atividades diferenciadas. Estas atividades são necessárias, porém, deve estar em consonância com a proposta da turma. Vale destacar que o professor precisa ter um olhar crítico e reflexivo diante da criança deficiente, assim identificando qual momento utilizar este recurso, haja vista que há momentos em que o aluno acompanharia a proposta dada a turma.

Quanto à importância do Atendimento Educacional Especializado (AEE), as professoras consideram o mesmo como um apoio significativo que dá auxílio ao aluno com deficiência na sala regular. O AEE deve estar articulado com as propostas pedagógicas do ensino comum, sobretudo articulado ao trabalho do professor do ensino regular e do professor do AEE, tendo em vista que ambos trabalham com o mesmo aluno.

Na presente pesquisa foi citada a falta de capacitação, como dificuldade que os professores enfrentam para atender as diferenças. Como já foi mencionado, pesquisador é uma das características do professor da contemporaneidade e esta pesquisa pode ser feita por meio de cursos, seminários, bem como leitura em casa. Assim, o professor vai aperfeiçoar o seu planejamento e conseqüentemente aprimorar o atendimento aos alunos.

Portanto, sugerem-se que os educadores usem diversas estratégias com seus alunos como trabalhos em grupos, atividades com material concreto, jogos, brincadeiras entre outras, uma vez que cada criança aprende de forma diferente e procurar estar sempre estudando, e só assim a inclusão irá se efetivar nas escolas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e do desporto. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**, nº 9394/96 de 20 de dezembro de 1996.

_____. Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades

Educativas especiais. Brasília: CORDE, 1994.

CARVALHO, Rosita Edler. **Integração e inclusão**. Salto para o Futuro: Educação especial: Tendências atuais/ Secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação. SEED, 2007.

_____. **Educação Inclusiva: Com os Pingos nos "IS"**. Porto Alegre: Ed, Mediação, 2007.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa Social. 6. Ed. São Paulo: Editora ATLAS S.A, 2008.

GOFFREDO, Vera Lúcia Flôr Sénéchal de. **Como Formar Professores para uma Escola Inclusiva**. Salto para o Futuro: Educação Especial: tendências atuais/ secretaria de Educação a Distância. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999.

GONZÁLEZ, José Antônio Torres. **Educação e Diversidade Bases Didáticas e Organizativas**. Porto Alegre: Editora Artmed, 2002.

LIMA, Priscila Augusta. **Educação inclusiva e igualdade social**. São Paulo: Avercamp, 2006.

MANTOAN, Maria Teresa Egler; PRIETO, Rosângela Gavioli. **Atendimento escolar de alunos com necessidades educacionais especiais**: Um olhar sobre as políticas públicas de Educação no Brasil. In: ARANTES, Valéria Amorim, (org.). Inclusão escolar: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, 2006.

MAZZOTTA, Marcos José Silva. **Trabalho docente e formação de professores de educação especial**. São Paulo: Epu, 1993.

SPROVIERI, Maria Luísa Ribeiro e BAUMEL, Roseli Cecília Rocha de Carvalho. **Educação especial**: do querer ao fazer. São Paulo: Editora Avercamp, 2003.